NO PRELO

Leonardo Aversa/18-11-2008

JOÃO UBALDO: autor disse sim à festa, da qual desistiu em 2004

Ubaldo na Flip

• O escritor João Ubaldo Ribeiro confirmou participação na Festa Literária Internacional de Paraty (Flip). Depois de cancelar sua ida em 2004, reclamando que a divulgação favorecia autores da Companhia das Letras, e de permanecer pelos anos seguintes como uma das mais ilustres ausências nacionais do evento, João Ubaldo disse "sim" ao convite para a 9ª edição da festa, que vai de 6 a 10 de julho em Paraty.

— Vou porque me quiseram — diz o autor, negando que tenha sido convidado outras vezes depois de 2004, como a direção da Flip afirmou ano passado. — Não me lembro de nenhum outro convite, só do primeiro. Na época não gostei do jeito como meu nome estava incluído, mas não briguei nem coisa nenhuma, não tenho qualquer inimizade ou pé atrás com a festa.

Ganhador em 2008 do Camões, o mais importante prêmio da literatura em língua portuguesa, João Ubaldo é autor de clássicos como "Viva o povo brasileiro" e "Sargento Getúlio". Seu livro mais recente, "O albatroz azul" (Nova Fronteira), foi lançado em 2009.

Com curadoria do crítico literário Manuel da Costa Pinto, a Flip 2011 já confirmou também a presença de David Remnick, Andrés Neuman, Valter Hugo Mãe, Pola Oloixarac, Joe Sacco, Franco Moretti, Emmanuel Carrère e Claude Lanzmann.

■■■■■■

Vozes aos 110

• Uma das mais tradicionais editoras brasileiras, a Vozes chega sábado que vem aos 110 anos de existência. A empresa sediada em Petrópolis, responsável pela publicação no Brasil de obras fundamentais da filosofia e das ciência humanas (seu catálogo inclui Hegel, Gadamer, Heidegger entre outros), comemora a data com uma nova edição das obras completas de Carl Gustav Jung, que chega às livrarias em junho com novo projeto gráfico e revisão do texto.

Como publicar-se

• O recém-lançado site PerSe (www.perse.com.br) promete ajudar aspirantes a autor a tirarem seus originais da gaveta sem desembolsar os custos da edição. Explorando o nicho crescente da auto-publicação, a empresa permite que autores escolham formato, acabamento e papel do livro, cobrando depois um percentual sobre cada exemplar vendido no sistema de impressão sob demanda. Também é possível comercializar e-books e converter blogs em livros pelo site.

■■■■■■

Duas vezes Hatoum

• Escolhido o melhor livro de ficção brasileira dos anos 2000, em eleição realizada no final de 2009 pelo Prosa & Verso, o romance "Dois irmãos" (Companhia das Letras) será comentado no próximo dia 14 pelo próprio autor, Milton Hatoum, num encontro da série Rodas de Leitura às 18h na Fundação Biblioteca Nacional. O escritor estará também no episódio de amanhã da série Autor por Autor, na TV Cultura (canal 16 da NET). No programa, que vai ao ar às 19h30m, Hatoum fala entre outras coisas sobre a infância na Amazônia e a ascendência árabe, temas de seus livros.

— Misturamos o depoimento com dramaturgia, ilustrando as lembranças do autor — diz o diretor Ricardo Elias.

■■■■■■

• **CAMÕES:** O Real Gabinete Português de Leitura organiza a partir do próximo dia 14 um curso sobre "Os Lusíadas", de Camões. Com coordenação da professora Gilda Santos, os encontros vão até dia 20 de abril abordando temas como "Mitologia, erotismo e censura" e "Camões e seus contemporâneos". Informações: 2221 3138 ou no site <www.realgabinete.com.br>.

• **CASTELLO E FIRMO:** Estão abertas as inscrições para os dois encontros do crítico e escritor José Castello, colunista do Prosa & Verso, com o consagrado fotógrafo Walter Firmo nos dias 23 e 24 de março no POP (Conde Afonso Celso 103). Os dois vão conversar sobre a relação entre imagem e palavra, a partir da obra de autores e fotógrafos. Informações: 2286-3299.

• **MIRANDÃO NA ALEMANHA:** O escritor e jornalista Fernando Molica vai para a Alemanha em agosto falar sobre seu romance "Notícias do Mirandão" (Record). Molica foi convidado para o festival "Metropolitan: The narrated city", que reúne autores de obras ligadas à vida urbana, e fará palestras sobre seu livro em Frankfurt e em Darmstadt.

Mànya Millen e Miguel Conde

O GLOBO

PROSA & VERSO

EDITORA: Mànya Millen — mmi@oglobo.com.br
EDITOR ASSISTENTE: Miguel Conde — miguel.conde@oglobo.com.br
REPÓRTER: Guilherme Freitas — guilherme.freitas@oglobo.com.br
DIAGRAMAÇÃO: Cristina Flegner
Telefones/Redação: 2534-5616 e 2534-5650
Publicidade: 2534-4310 (publicidade@oglobo.com.br)
Correspondência: Rua Irineu Marinho 35 — 2º andar. CEP: 20233-900

[ESPECIAL][ESPECIAL][ESPECIAL]

Uma questão de sentido

Hans Ulrich Gumbrecht responde crítica de Andrea Daher a seu novo livro

Hans Ulrich Gumbrecht

Cruz

Na última edição do Prosa & Verso, Andrea Daher, uma colega da UFRJ, resenhou a tradução para o português de meu livro "Produção de presença" (Contraponto/PUC-Rio, tradução de Ana Isabel Soares), e chegou a uma conclusão devastadora: "é uma teoria em pleno desastre". Bem, tais palavras só poderiam ferir um autor que, como haveria de ser, leva seus livros a sério, se bem que, como quero insistir, a resenhista tenha o direito de fazê-lo, sendo esse um sintoma do bom funcionamento do espaço público. Não respondo portanto porque queira discutir o direito de Andrea Daher de achar e descrever meu livro como tão "devastador". Mas seria interessante para os leitores de sua resenha, e de meu livro, mesmo para os leitores de O GLOBO que não estejam interessados nem no meu livro, nem na resenha, compreender que a base em que se funda sua crítica tem um duplo sentido, de que a resenhista não parece consciente.

Articulada com o fim da resenha, essa base diz que "toda teoria serve à lógica da significação". De fato, as teorias são necessariamente constitutivas de significação — isso é incontestável para aquelas articuladas por palavras (por exemplo, nas ciências sociais, nas humanidades e nas artes); mas é igualmente verdadeiro para as que se articulam por números e equações (nas ciências naturais, por exemplo), pois números e equações também são significantes de significações. Creio que, neste sentido, mesmo o meu livro tem o status de uma "teoria", pois, natural e inevitavelmente, desenvolve um argumento e uma descrição com palavras, ou seja, com conceitos. É contudo, um erro terrível — erro em que não só Andrea Daher cai — *pensar* que, em consequência, as teorias só possam lidar com fenômenos que são "constituídos de significação". Obviamente, não é assim porque, por um lado, reconhecemos como "teorias" muitas descrições abstratas de fenômenos das ciências naturais; e, ao mesmo tempo, sabemos que tais fenômenos (pense-se na física nuclear ou na química orgânica) não são fundamentalmente constituídos de significação. Só por nossos esforços em extrair teorias, eles se tornam descritos e expressos por conceitos. De fato, contudo, os fenômenos naturais não contêm primariamente significações. Essa é a razão mesma por que, em primeiro lugar, tentei articular meu ponto de vista por palavras e significações, em vez de, por exemplo, dançar (!!), ou exclusivamente "personificando" minha posição. É, *portanto*, verdade que, ao nível do que estou descrevendo, defendo que as humanidades e as artes não se concentram tão-só nos fenômenos constituídos de significação senão que incluem certos fenômenos que (acredito) pertencem ao que chamamos "cultura", sem que eles mesmos sejam constituídos de significação (exemplo: a qualidade central das vozes ao recitar um poema ou na apresentação de uma ópera). Essa pode ser uma alegação relativamente inofensiva, mas penso que era (e ainda é) necessária porque, não à diferença da própria resenhista, as humanidades e as artes, em sua centenária história, têm confundido sua autodescrição como disciplinas cujo centro é ocupado pela "interpretação", com a tarefa de focarem exclusivamente os fenômenos dotados de significação. Creio que isso é um erro; as humanidades e a as artes não devem encerrar-se aí, embora, por outro lado, seria de um completo ridículo argumentar que as humanidades não lidam com fenômenos de significação.

Estou consciente que essa é uma resposta muita seca e me desculpo por isso. Mas, tendo a honra de vir com frequência ao Brasil e aí dar cursos, não poderia deixar esse equívoco sem uma réplica pública.

Há outras passagens na resenha referida que me pareceram estranhas. Em vez de lhes dedicar uma resposta detalhada, as assinalo de passagem. A resenhista parece ressentir-se de uma certa (e deliberada) "facilidade" em meu estilo intelectual, que, embora eu seja professor há mais de 40 anos, procura não ser rigidamente acadêmico. Essa é a razão por que refiro-me a certos autores como "amigos" (quando de fato o são). Eis por que, para efeito de clareza, enfatizo certas diferenças; e porque não evito usar *muitas vezes* exemplos de minha (por certo banal) vida cotidiana. O tom da resenha torna-se um tanto mais agressivo e levemente problemático quando Andrea Daher parece insinuar que tal (para ela) devastadora teoria só poderia surgir e encontrar aceitação na Califórnia (onde tenho de fato ensinado por mais de 20 anos; e nos Estados Unidos, de que sou cidadão). Se a resenhista sente tal afinidade, assim como muitos colegas no Brasil, penso que seria necessário transformar sua *impressão* em um argumento explícito (de minha parte, posso com certeza não ver tais afinidades entre certas teorias e certos contextos nacionais). A resenhista segue adiante sugerindo que minha cara aparecer na página de rosto do livro é um ato agressivo que, pensa, se ajusta com o que julga a finalidade de minha teoria. É verdade que tenho a cara que tenho e que não resisti à proposta das editoras americana e brasileira de que minha foto aparecesse na capa de um livro chamado "Produção de presença". Talvez isso tenha sido um erro, mas não creio que, *mesmo tendo sido, tenha algum* valor sintomatológico para minha teoria.

Acabo com um tom conciliatório. A resenhista começa por caracterizar meu livro como um "panfleto neossubstancialista". Posso, *na verdade*, simpatizar com os dois termos. Se um panfleto é um texto abstrato com alguma força polêmica, fui bem compreendido. E, embora nunca tenha tido a intenção programática de ser chamado de "neossubstancialista", é verdade que quero trazer de volta conceitos como o de "substância" para as discussões filosóficas e culturais. Pois, insisto, é um equívoco crer que as humanidades e as artes devam lidar exclusivamente com fenômenos constituídos de significação e não com fenômenos baseados na substância. ■

HANS ULRICH GUMBRECHT *é filósofo, autor de "Produção de presença", entre outros. Tradução de Luiz Costa Lima*

"... as crises históricas do povo judeu servem de matéria-prima para um bem tramado enredo de suspense."
Folha de S. Paulo

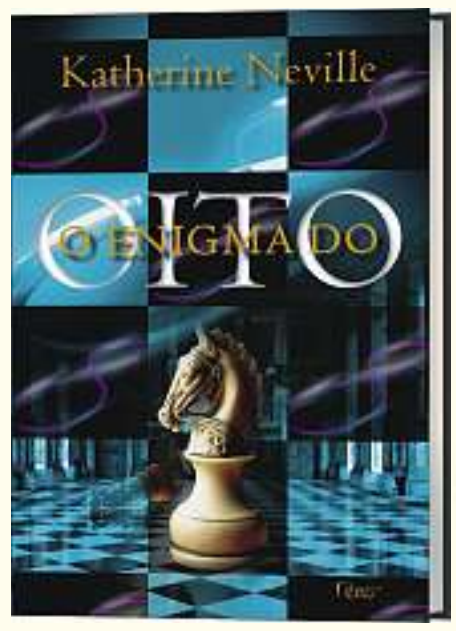
"... um poderoso romance cujo narrador é um homem morto." IstoÉ

Os anagramas de Varsóvia

o novo livro do autor de
O último cabalista de Lisboa

www.record.com.br

PARA LER DE UM FÔLEGO SÓ ATÉ O XEQUE-MATE



O ENIGMA DO OITO

Mais de um milhão de exemplares vendidos em todo mundo

de Katherine Neville

Lançamento Rocco em todas as livrarias